



Spinoza contra Phenomenology: French Rationalism from Cavallès to Deleuze.

Knox Peden

(Cultural Memory in the Present)
California: Stanford University Press, 2014, 357 p.

Cleyton Costa¹

É comum em obras de história da filosofia a prática de aproximar teorias, para que, por via de seus elementos comuns, uma explique a outra. Especialmente no caso de Espinosa notam-se muitas tentativas de retomada da filosofia cartesiana para derivar seu pensamento. Knox Peden recusa esta estratégia ao apresentar *Spinoza contra Phenomenology: French Rationalism from Cavallès to Deleuze*, livro publicado na Califórnia em 2014 pela Stanford University Press. Trata-se de uma produção que busca desvencilhar o racionalismo de Espinosa de qualquer tradição fenomenológica em que se encontra. Mais que argumentar em defesa de diferenças irreconciliáveis entre Espinosa e fenomenologia, Peden, ao evidenciar esta polarização, oferece outra perspectiva histórica para a filosofia racionalista francesa. Para tanto, mobiliza autores do século XX que recorrem à filosofia de Espinosa em resposta inicial às propostas de introdução da fenomenologia na França, com atenção especial, às que derivam da concepção apresentada na Sorbonne em 1929 por Edmund Husserl.

Com a pretensão de mapear os autores que se utilizam do pensamento de Espinosa enquanto instrumento contra a fenomenologia o ponto de partida da obra é o espinosismo de Jean Cavallès. Segundo a argumentação de Peden é Cavallès quem inicialmente interpreta a confiança de Husserl na figura do ego cogito cartesiano como indício de uma fundamentação transcendental, uma vez que a distinção sujeito/objeto seria inconciliável com a concepção monista de Espinosa. Além disso, os estudos de Cavallès sobre a teoria dos conjuntos de Georg Cantor, sobretudo dos números transfinitos, teriam feito com que privilegiasse o conhecimento matemático sobre as categorias fixas, transcendentais ou existenciais da intuição a priori. Essa preferência faria com que Cavallès propusesse uma filosofia do conceito em detrimento de uma filosofia da consciência como sugere a fenomenologia.

1 Graduando em Filosofia no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (IFCH), membro do Grupo de Pesquisa em Metafísica e Política (CNPq) e do Grupo de Estudos da Ética de Espinosa (Uncamp).

O segundo capítulo é intitulado conforme ao conflito que descreve: Espinosa contra Descartes. Através da diferença entre duas interpretações da filosofia de Espinosa, as de Martial Gueroult e Ferdinand Alquié, Peden faz notar as contradições presentes entre perspectivas que considera, respectivamente, de diretrizes espinosanas e cartesianas. Segundo o autor, a maneira como Gueroult compreende o conceito de intuição em Espinosa resolveria o problema do entendimento do infinito por meio de um idealismo radical. Em contrapartida, Alquié tomaria esta dificuldade como insuperável, pois compreende que, por serem infinitos, atributos e alguns modos são inacessíveis para a humanidade, e, em razão disto, Espinosa falharia em sua promessa de eliminar a transcendência.

Em meio a essa tensão Peden posiciona Jean-Toussaint Desanti. Aluno de Cavailès na École Normale Supérieure. Desanti teria sido, de certa maneira, igualmente influenciado pelos dois polos, por apreciar o que Gueroult eleva no espinosismo ao mesmo tempo em que mantém os questionamentos realizados por Alquié contra a teoria de Espinosa. Desde sua formação Desanti teria sido exposto à disputa entre Espinosa e fenomenologia devido à substituição de seu professor, Cavailès, pelo fenomenólogo Maurice Merleau Ponty. Mais tarde, este conflito fora identificado no desenvolvimento de sua filosofia, que oscila entre os fundamentos das duas correntes, espinosismo e fenomenologia, muitas vezes utilizando a primeira para explicar a metodologia da segunda. Peden fortalece o cenário de disputa ao retratar Louis Althusser como aquele que, apesar de ter tido Desanti como um de seus últimos professores na École Normale Supérieure, não hesitou em abertamente articular o espinosismo contra a fenomenologia.

Todo o esforço de Peden em demarcar a trajetória conflituosa entre Espinosa e fenomenologia culmina na apresentação de Gilles Deleuze como uma espécie de elo que conecta o percurso histórico de atritos à tradição de um espinosismo fenomenológico, sob a hipótese de que partiria de Deleuze uma proposta de conciliação. Com inspiração em problemáticas suscitadas por Martin Heidegger no desenvolvimento de uma nova ontologia baseada em Ser e Tempo, Deleuze, ao elaborar Diferença e Repetição, pretenderia que a efetivação do sistema de Espinosa se resolvesse com a aproximação das noções de substância e modos, em outros termos, que a filosofia de Espinosa seja considerada com base na modalidade presente na fenomenologia heideggeriana.

Em conjunto, o esforço de Deleuze em reatar Espinosa e fenomenologia e a maneira pela qual os anglófonos geralmente retratam a história do racionalismo francês, isto é, como sucessivamente existencialismo, estruturalismo e pós-estruturalismo, ignorando a rivalidade retratada por Peden, acabaram por negligenciar uma importante e frutífera disputa filosófica. O que o autor propõe é a revitalização de um conflito que, segundo ele, se apresenta desde Immanuel Kant até Jean-Luc Marion, o primeiro com sua declaração do espinosismo como um delírio (*Schwärmerei*) da razão nas páginas do *Berlinische Monatsschrift* em 1786 e o segundo com sua declaração de que o espinosismo falha em apresentar os limites do pensamento racional, nas páginas do *Le Monde* em 2008.

A perspicácia do desenvolvimento argumentativo de Peden se dá por entrelaçar uma respeitável apresentação dos temas filosóficos trabalhados, que envolvem desde a teoria dos conjuntos de Cantor até a proposta ontológica de Heidegger, com elementos histórico-biográficos imponentes para sua argumentação. Dentre esses elementos se destacam, por exemplo, os seminários não oficiais ministrados por Desanti aos alunos que tiveram seus estudos interrompidos pela Segunda Guerra, como foi o caso de Althusser,

e também o contexto das divergências políticas de ambos no Partido Comunista Francês. Dessa maneira, Peden proporciona aos leitores uma envolvente argumentação.

Spinoza contra Phenomenology é recomendável para uma ampla gama de leitores devido a seu método e linguagem. Sua leitura acrescentaria duplamente ao especialista em Espinosa. Primeiro por abordar uma perspectiva peculiar do contexto histórico do racionalismo francês, portanto, vantajoso por fornecer estímulos para pesquisas vindouras, ainda que sejam críticas. Segundo, por apresentar um método de se fazer história da filosofia pouco comum, o qual, ao invés de aproximar teorias para elencar seus pontos comuns, aproxima-as para destacar suas divergências e, com isto, propõe uma releitura de uma tradição aceita até o momento. Também acrescentaria aos iniciantes, pois sua linguagem bem articulada e acessível permite uma leitura introdutória das diversas teorias associadas ao espinosismo, ou, como visto, opostas a este.

Sistema de Avaliação: revisão por pares “duplo-cego” (Double Blind Review)
Recebido em 18/11/2018. Aprovado em 31/01/2019.

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.